

Estudo Seriexológico através da Narrativa Autobiográfica

Seriexological Study through the Autobiographical Narrative

Estudio Seriexológico a través de la Narrativa Autobiográfica

Hélia Neri*

* Pedagoga e Empresária. Voluntária da *Associação Internacional de Pesquisas Seriexológicas e Holobiográficas* (CONSECUTIVUS) e da *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia* (CEAEC).

heliacristinaborgesneri@gmail.com

Relato recebido em: 13.09.2020.

Aprovado para publicação em: 12.01.2021.

INTRODUÇÃO

Início. A narrativa autobiográfica surgiu a partir de meu interesse na pesquisa seriexológica e optei por escrever um breve relato da minha autobiografia dos anos de convivência com a personalidade do Chico Xavier (1910–2002), tecendo comentários de vivências relacionadas a ela.

Objetivo. Esta forma de escrita se revelou para mim como um método de estudo seriexológico e fui criando mecanismos, durante o texto, de reflexão e associação de ideias vinculadas ao processo da minha seriedade.

Metodologia. Para efetuar a pesquisa adotei a metodologia qualitativa que visa coletar informações sem medição, mas buscando descrever o tema e interpretá-lo. Nesse caso, o objeto escolhido foi a minha biografia e a partir do método biográfico, também denominado de *Life History*, realizei um levantamento da minha biografia por meio de fotografias, vídeos e história oral que são os depoimentos das pessoas envolvidas.

I. NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Nascimento. Chamo-me Hélia Cristina Borges Neri, nasci em 24 de junho de 1957, na cidade de Uberaba, Minas Gerais. Sou a segunda filha de Hernany Nery (1927–2001), natural da cidade de Prata, odontólogo, e Hélia Rodrigues Borges Nery (1928–1996), natural de Uberaba, dedicada aos labores do lar. No ano que nasci meu irmão Ernane Neri Jr (1955–2020), contava com dois anos de idade.

Uberaba. Entre as décadas de 50 a 60 os residentes da cidade passaram de 69.679, a 87.839 (Lopes & Souza, 2018), considerando a população urbana e rural; a ordem católica contribuiu para o desenvolvimento da cidade administrando 2 escolas, 1 escola técnica de enfermagem, 1 faculdade e 2 hospitais. O forte sentimento religioso formou, talvez, o holopense atrator para a fixação da residência do Chico Xavier na cidade, de 1959 até sua morte em 2002. Nos relatos dos biógrafos do Chico Xavier ficaram evidenciados seu profundo envolvimento nas práticas católicas como ir às missas, confessar, ministrar aulas de catecismo na infância e adolescência.

Religiosidade. O intenso sentimento religioso da população uberabense, também se manifestou em outras linhas, por exemplo, do grupo religioso de nome *Irmandades das Almas*, nos anos de 1850. Em meados de 1897 um grupo de amigos se associou com o interesse nos estudos do Espiritismo com as obras de Allan Kardec (1804–1869).

CEU. Inicialmente os encontros espíritas eram feitos nas casas às escondidas, com a dedicação e o contínuo propósito de fortalecimento da doutrina. Surge assim, em 09 de janeiro de 1911, oficialmente o primeiro núcleo de espiritismo em Uberaba, fundado por Maria Modesto Cravo (1899–1964). Chamava-se "Ponto Bezerra de Menezes". O Prof. João Augusto Chaves (1881–1946), fez o movimento para que se fundasse realmente um centro, e com o trabalho de todos os integrantes do grupo, o *Centro Espírita Uberabense* (CEU), teve sua inauguração em 13 de maio de 1919.

Encontro. No CEU, no final da década de 40, aconteceu o encontro e início da amizade e confiança mútua entre minha mãe Hélia, minhas tias Dalva (1920–2018) e Dinah (1932–) com Waldo Vieira (1932–2015), na época estudante de medicina e médium psicógrafo. Eles se tornaram voluntários atuantes na mocidade espírita e nos trabalhos do CEU por alguns anos, depois se afastaram por circunstâncias da vida, tomando rumos diferentes em outras instituições espíritas.

Amadurecimento. Após o casamento, minha mãe abandonou as reuniões espíritas, em função de meu pai ser católico. Tia Dalva e Tia Dinah, deixaram os trabalhos no *Centro Espírita Uberabense* (CEU) e passaram a estudar a doutrina no *Centro Batuíra*. Meu pai se converteu ao espiritismo e, com minha mãe, passaram a trabalhar como voluntários junto a Waldo Vieira, que além de ser voluntário no CEU, fazia parte das reuniões caseiras de trabalhos mediúnicos do grupo. E este grupo foi aquele que fundou o Centro Espírita Casa do Cinza, em 1955 por Dr. Odilon Fernandes (1903–1973), onde Waldo atuou ostensivamente como médium.

Identidade. Chico Xavier, ou simplesmente Chico, já era um médium conhecido no movimento espírita com 59 livros psicografados, conquistando certa notoriedade nacional, porém existiam acusações de fraude feitas contra ele pelo próprio sobrinho e conflitos junto à *Federação Espírita Brasileira* e à população da cidade de Pedro Leopoldo.

Amparabilidade. Nessa ocasião, Dona Aristina Rocha Vieira (1900–1967) ou Aristina, mãe de Waldo Vieira, ciente dos problemas que Chico enfrentava, pediu ao filho que se informasse das ocorrências e fosse ao socorro do amigo, sendo do conhecimento de ambos que, no passado o Chico teria sido mãe do Waldo em uma retrovida.

Viagem. Waldo se deslocou de Uberaba a Pedro Leopoldo. Aristina e a sobrinha Sônia, que estavam no Rio de Janeiro, foram ao encontro de Waldo Vieira para juntos fazerem a visita a Chico, com o propósito de saber dos ânimos do amigo e se colocando à disposição. Fizeram então a ele o convite de mudança para Uberaba.

Convite. O convite fez muito sentido porque Chico frequentava a cidade de Uberaba na condição de funcionário da fazenda Modelo, aproveitando para participar das sessões espíritas. Psicografava mensagens no Centro Espírita Uberabense, no sanatório Espírita e outros núcleos espíritas da época.

Parceria. A partir desse convite, Waldo e Chico estruturaram uma crescente amizade e, além das tarefas individuais, iniciaram a parceria na divulgação da doutrina, tais quais psicografar 17 livros. Destes, 2 foram psicografados em separado com cada um na sua cidade. Até a data de mudança do Chico para Uberaba tais tarefas eram realizadas via correspondência e alguns encontros, pela dificuldade de locomoção da época.

Mudança. Em Pedro Leopoldo a pressão sobre o Chico aumentou e ele chegou a Uberaba sem aviso prévio. Segundo relato de minha tia Dalva, certo dia Waldo chegou apressado a sua casa e lhe disse: “Dalva

chame o Hernany e a Hélia e vão à minha casa, pois Chico antecipou sua mudança de Pedro Leopoldo e vamos nos reunir para realizar uma sessão espírita com trabalho de passes energéticos”. Essa foi uma sessão sem público. Existe registro de depoimento audiovisual (Borges, 2008), da Tia Dalva explicando o momento da chegada do Chico a Uberaba, de surpresa.

Sessão. Na noite seguinte à chegada do Chico, 05 de janeiro de 1959, os portões foram abertos aos admiradores e espíritas da região e foi realizada a primeira sessão espírita com o médium já residente em Uberaba. Contou com os companheiros passistas e médiuns Waldo, Dalva, Hélia (minha mãe), Hernani (1927–2001), Laércio (1927–2001), Betinha (S/D), Therezinha e José Thomaz (S/D).

Espaço. Os trabalhos correram em perfeita harmonia, porém ficaram apurados com a falta de espaço dada a grande quantidade de pessoas que foram ao encontro do Chico, tomar passes. Diante deste cenário Waldo articula o planejamento para a construção de um local para que Chico trabalhasse, porque era de comum acordo que ele deveria ter seu próprio centro para trabalhos mediúnicos.

CEC. Com os esforços de todos e colaboração importante de amigos paulistas, em 18 de abril de 1959 inaugurou-se oficialmente a *Comunhão Espírita Cristã* (CEC), – o local onde Waldo e Chico trabalharam juntos até 1966, ano da dissidência de Waldo e a continuação do trabalho do Chico, agora sozinho até 1975.

Construção. Foi na Comunhão que construí parte da história de minha vida nos períodos de 1959 a 1979, pois a rotina de criança e adolescente foi condicionada ao trabalho de meus pais, tias e amigos, quando assumiram a responsabilidade de auxiliar na construção e viabilização da prática da doutrina espírita na Comunhão.

Tarefas. Pela responsabilidade dos cargos por eles exercidos, suas presenças eram necessárias em 4 noites na semana. O trabalho de costura e sopa no período diurno; as outras tarefas eram assim distribuídas: nas noites de segundas e sextas-feiras, palestra pública e psicografia do Chico, receituário e doação de remédios; nas noites de quarta-feira, trabalho de desobsessão com portas fechadas ao público; sábados, a partir das 19h, a peregrinação por aproximadamente duas horas antes das palestras e psicografia que se estendiam pela madrugada afora; domingo, evangelização; e durante as horas vagas a organização de distribuição de alimentos, roupas e brinquedos para as crianças, que ocorria uma vez ao ano no período do Natal.

Desafio. Existia a unanimidade segundo quais as tarefas doutrinárias e assistenciais deveriam seguir a máxima “fora da caridade não há salvação”, pois exprimia a força e presença de Jesus na vida de todos conforme o capítulo XV da obra “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Foi um trabalho extenuante para aquele pequeno grupo do início, um desafio, porque o ritmo era desenvolvido pela emergência do momento. Não havia tempo para descanso e as implantações se misturavam com as novas necessidades, como a ampliação do espaço físico. A dor das pessoas não podia esperar.

Caravanas. Todo esse trabalho havia chegado ao conhecimento da mídia nacional da época, e logo a Comunhão virou um centro de peregrinação com inúmeras caravanas chegando diariamente. Vinham pessoas com esperança de receber, por intermédio do Chico, uma psicografia dos parentes falecidos. Pelo volume de pessoas, nas sextas-feiras e sábados as reuniões de psicografias se estendiam até às 4 da manhã.

Madrugada. Nessa fase eu e minhas irmãs íamos ao centro de sexta a domingo e, com o movimento maior das atividades, não era difícil nos vermos exaustas dormindo nos bancos de madeira, apoiadas umas às outras, aguardando nossos pais terminarem as tarefas para o retorno à nossa casa.

Plateia. As reuniões de psicografias eram como um espetáculo. A plateia sempre com pessoas chorosas compartilhando entre si suas dores com grande emoção em conversas paralelas, aguardando ansiosamente escutarem a chamada de seu nome. Chico era visto como o salvador, principalmente, pelas mães que perderam seus filhos.

Silêncio. Nesse cenário era difícil raciocinar além da dor ou perceber outra necessidade, por exemplo, atender ao pedido de silêncio escrito na placa que o nosso companheiro de doutrina “o Eurípedes” segurava. Ele era o “homem do silêncio”, foi sua incumbência durante vários anos, a difícil tarefa de conseguir menos burburinho naquela casa espírita. E, por incrível que pareça, mesmo após a saída do Chico, a falta de silêncio ficou sendo o estigma da casa. Nunca se conseguiu quietude para a realização das reuniões públicas.

Humildade. Aquela balbúrdia parecia não perturbar a concentração do Chico, que nunca reclamou do barulho. Se foi perturbado não ficamos sabendo, pois ele não expunha abertamente nenhuma opinião que pudesse ser taxada de antipática, seu propósito era de aceitar tudo com humildade e resignação em prol da consolação que era oferecida às pessoas que ali estavam. Afinal de contas, essa era a razão de ser da existência terrena do Chico.

Milagre. Receber notícias de seus amados, em tom de milagre, confortava as pessoas que, realmente ficavam agradecidas. Assim, espontaneamente doações para a grande distribuição de alimentos aos necessitados aconteciam. Apesar de estarmos no início dos anos 60, em um país de predominância católica, aquelas revelações vindas pelas mãos de um intermediário de espíritos revelando a existência da vida após a morte alimentava um clima de mistério e curiosidade.

Tio querido. Eu e meus pais, voluntários da casa, estávamos todos envolvidos no processo, e pela intimidade e aconchego que dávamos uns aos outros, sentíamos a Comunhão uma extensão de nossa casa. Para mim a presença do Chico era vista como um “tio querido”, que ministrava passes e curava as minidoenças, exalando um constante cheiro de rosas para o alívio das dores das almas aflitas. Na rotina de efetuar as tarefas era um vai e vem de pessoas, assim como acontece na intimidade das grandes famílias.

Sábados. Nas casas do interior, aos sábados, acontecia a preparação do almoço de domingo. Por muitas vezes, éramos despertados de nossas brincadeiras por um bom aroma vindo da cozinha, diferente dos cheiros habituais do dia a dia, pois eram cheiros de gostosuras especiais, diferentes dos cotidianos. Logo adivinhávamos: eram preparadas para o Chico. Auxiliávamos nas pequenas tarefas aguardando ansiosamente o domingo chegar, pois seria um dia que já amanhecia animado.

Domingos. Lá pelas 11 horas chegava o Chico com grupo de pessoas queridas, frequentadoras das reuniões de psicografia e grandes colaboradoras das tarefas de assistência que a CEC mantinha, sendo alguns da capital paulista. Outras vezes, o almoço festivo era na casa de tia Dalva, onde o cardápio eram as delícias mineiras, as preferidas dos convidados.

Médico. Quando adoecíamos mais seriamente, ou tínhamos qualquer problema emocional derivado de uma vida tumultuada onde, às vezes, era difícil digerir alguns episódios, a escolha de minha mãe era o tratamento com o médico da Comunhão.

Dr. Madeira. Inicialmente éramos tratados pelo Dr. Eurípedes Tahan Vieira (1936–2017), e posteriormente pelo dedicado e amoroso Dr. José da Silva Madeira (1931–2019), psiquiatra e homeopata que nos medicava com suas gotinhas mágicas de remédios homeopáticos e suas palavras de ânimo. Para curar mais rápido tínhamos o carinho do passe ministrado pelo Chico, com a administração da água fluidificada com aroma de rosas. O perfume na água, fruto de efeito físico, era a marca registrada da presença do espírito de Irmã Scheilla.

Antuza. Quando necessitávamos de passes e Chico estava ausente por motivos de viagens, minha mãe nos levava à casa de Antuza Ferreira Martins (1902–1996). Ela era amiga da família, atendendo em sua residência, realizando trabalhos de cura e desobsessão com grande abnegação e amor. Antuza entre 1916 e 1918, por motivos de desequilíbrio mediúnicos, se mudou com a família para a cidade de Sacramento.

Indicação. A indicação era ser tratada por Eurípedes Barsanulfo (1880–1918), que lá morava. Com o tratamento se curou e aprendeu com ele o suporte necessário para escolher um estilo de vida de dedicação exclusiva aos necessitados. Na época em que a conheci, ela já era uma senhora de 57 anos. Baixinha, lúcida, esperta, alegre, dinâmica, com limitações físicas de audição e fala, provocadas por uma meningite na infância, mas que se expressava em forma de mímica com sabedoria quando era necessário dar as broncas na criança.

Acoplamentarium. Decidi falar de Antuza não só pelo carinho e gratidão que sinto, mas também por um parafato em forma de clariaudiência que aconteceu em um experimento de acoplamento energético no ano 2019 com o colega da Conscienciologia e epicon Guilherme Kunz, na ocasião, ele escutou o nome “Antuza” relatando ter percebido consciexes com alto nível de padrão energético.

Livro. Em 1964, Waldo Vieira e Chico Xavier psicografaram o livro “Desobsessão” de André Luiz (espírito/consciex). O livro foi composto com apresentação de fotos nos 73 capítulos; o objetivo era dar sugestões sobre como os médiuns deveriam se comportar antes e durante as reuniões mediúnicas.

Proposta. Propunha aos médiuns os cuidados mental, físico e espiritual para a chegada à reunião, e o comportamento diante das variadas situações que podem ocorrer durante as sessões de desobsessão. Nessa época da estruturação do livro eu e minhas duas irmãs Claudia Regina Borges Nery (1960) e Patrícia Helena Borges Nery (1961), fomos fotografadas para fazermos parte do capítulo 7 do livro Desobsessão.

Reflexão. Em 2018 em conversa informal com a amiga e parceira de voluntariado na Conscienciologia Cristiane Ferraro (1972–) ela relatou que tempos atrás, um certo dia no seu voluntariado no Holociclo, Waldo lhe chamou, pegando o livro Desobsessão e disse “que quando da preparação do livro Desobsessão ele teria escolhido a dedo as pessoas que foram fotografadas”. Qual seria o motivo que levou o Waldo a essa triagem? Ainda hoje, reflito sobre as possibilidades dessa decisão do Waldo naquela época.

Maxidissidência. O movimento na CEC seguia seu curso normal até que no ano de 1966, após viagem ao exterior, Waldo decidiu fazer a maxidissidência do espiritismo para se dedicar à pesquisa independente. Tenho vaga lembrança, mas sei por relatos de tia Dalva que na época isso provocou instabilidade e insegurança no grupo. Sendo uma fase difícil e com Chico se sentindo abandonado, os voluntários também ficaram magoados e sem entender o motivo da saída de Waldo.

TV Tupi. Apesar das dificuldades emocionais com a saída do Waldo, os compromissos do grupo com a espiritualidade e com a assistência foram suporte para o continuísmo da jornada. Em 1968, 3 anos antes do histórico Pinga-Fogo, o jornalista Saulo Gomes, na ocasião repórter da TV Tupi, levou a público a rotina de trabalho da CEC de Uberaba. Estávamos lá, meu pai apoiando a turma do som, minha mãe organizando a parte social e eu participando da agitação que o acontecimento despertava, com a modernidade que ele representava, abrindo espaço em minha mente juvenil.

Pinga-Fogo. Em 1971, Chico recebeu a confirmação da participação no programa Pinga-Fogo, fato esse que deu notoriedade nacional para o fenômeno da psicografia e a conversa com os mortos. Este acontecimento expandiu para nossa rede de contatos. Éramos agora vistos como os filhos “daquelas pessoas que mexiam com aquelas coisas”. Esses fatos geraram desconforto em nossos relacionamentos fora da CEC.

Adolescência. Nos anos seguintes, por estar formada na primeira fase da aula de moral cristã, minha mãe cobrou-me o envolvimento no voluntariado da docência. Mas a experiência foi um fracasso. Eu me enrolava no início da aula com a prece do Pai Nosso, nunca acertava as palavras na ordem correta. Me dava “um branco” e eu não conseguia terminar a prece.

Críticas. Fui criticada várias vezes, porém não solucionei o problema. Decidi deixar o professorado e voltar às atividades das tarefas da assistência social onde me sentia à vontade. Cobrei-me na época, mas

percebo hoje que nunca me encaixei em instituições religiosas na parte doutrinária. Com o aumento das tarefas da escola e o início do estudo da língua inglesa, o tempo de voluntariado precisou ser diminuído e este problema de ligação com o divino foi parcialmente esquecido.

Namoro. Em 1972 comecei a namorar, mas, sendo a atividade de voluntariado nos fins de semana eu levava o namorado junto.

Família Paulista. O trabalho assistencial e doutrinário da Comunhão estava cada vez mais movimentado. O reconhecimento da mediunidade do Chico crescia a passos largos, abrindo novas demandas com viagens para receber títulos, cidadanias, noites de autógrafos pelo Brasil afora, principalmente em São Paulo, onde ele estreitou sua amizade com alguns amigos paulistas. Chico recebeu todo o apoio necessário de sua família espiritual paulista, se sentindo bem à vontade no grupo.

Discordância. Durante o percurso desses anos em parceria entre Chico e o grupo da diretoria da CEC, aconteceram algumas discordâncias, o que não é raro em grupos tão envolvidos emocionalmente. Algumas posições da diretoria não eram bem aceitas por Chico, especialmente aquelas que diziam respeito à reforma da casa espírita para que ela se tornasse um lugar mais confortável e seguro para ele mesmo.

Relutância. Chico não aceitava que o lugar perdesse o aspecto humilde, por acreditar que pudesse intimidar os mais pobres e simples. Pelo fato do Chico não reclamar nem gostar de fazer acareações, tenho como hipótese que os pequenos problemas foram se avolumando.

Dissidência. No dia 19 de maio de 1975, sem avisar ninguém antecipadamente, pediu uma reunião de diretoria e leu sua carta de afastamento para surpresa de todos, encerrando assim sua parceria com a CEC. O motivo da saída por ele revelado foi o fato da instituição estar se expandindo em demasia, e sua saúde precisar de cuidados. Logo após, no dia 04 de julho de 1975, foi inaugurada pelo Chico o *Grupo Espírita Casa da Prece*. Alguns voluntários da Comunhão saíram seguindo-o e apoiando a nova casa, assim como o apoio emocional e financeiro dos amigos paulistas.

Recuperação. Foi um novo golpe para os voluntários da Comunhão e dessa vez o estresse foi maior que a saída do Waldo, com muitas especulações ocorrendo na cidade. Com o tempo, os voluntários se reorganizaram sem o Chico e continuaram o trabalho de assistência aos necessitados, a doutrinação e as reuniões de desobsessão semanais.

Mudança. Foram tempos difíceis. O sentimento de vazio permaneceu no ar por um tempo, mas a vida continuou. Segui meus estudos e o namoro e, em 27 de julho de 1979 me casei saindo de Uberaba, iniciando um novo ciclo de vida sem o voluntariado na CEC. Minha família continuou no voluntariado até o falecimento deles.

Empreendedora. Com a mudança inaugurei um pequeno ateliê de costura na cidade de Uberlândia.

Divórcio. Após 10 anos de matrimônio, devido à incompatibilidade de objetivos, optei pelo divórcio.

Assistência. As assistências se apresentaram mais continuamente e nessa nova condição pude auxiliar mais pessoas.

Misticismo. Nesses mesmos anos conheci um grupo místico e com eles conheci o que eu imaginava na época ser uma nova maneira de trabalhar as forças do universo. Interessei-me no estudo e na iniciação da *Técnica do Reiki*, mapa astral cármico, estudo do Tarô Mitológico, um pouco de Cabala, Mestres Ascencionados e Fraternidade Branca. Nesse grupo voluntariei na aplicação de Reiki aos sábados à tarde.

Passagem. Percebo que não era necessária essa passagem, mas, faltava em mim discernimento e maturidade envolvendo processos emocionais e afetivos.

Espírito sério. No início do trabalho de Reiki em certa manhã, percebi nitidamente um *espírito sério* que chamou a minha atenção ao cruzar seus braços. Ao indagar se ele iria me auxiliar naquela energização,

a resposta foi “não” e disse em seguida que o trabalho assistencial o qual eu realizava me transformava em subalterna, e que o universo necessitava de colaborador. Recebi uma descarga energética nos chacras superiores me deixando descoincida. Entrei em crise existencial intensa por uns 15 dias e precisei de pegar férias para pensar melhor, minha cabeça fervia, pois a certeza de estar fazendo algo bom tinha desaparecido.

Aprendizagem. Precisava entender por que aquele espírito que percebi me disse que eu não colaborava com o universo. Como eu podia estar fazendo algo ruim, me doando para as pessoas? O medo de estar prejudicando as consciências e a mim mesma me dominou. Tudo que eu tinha aprendido era auxiliar as pessoas, perdoar, pensar de uma maneira mais aberta, não me prender a religiões, ser mais livre e dar consolo. Onde estava meu erro?

Domingo. Em um domingo ao acordar após perceber umas visitas extrafísicas de amigos e meus pais, senti-me um pouco tonta. Mas fiquei em casa e segui minha rotina de gastar horas regando as plantas, como fazia todo domingo. No meio do jardim encostei-me ao que me pareceu ser uma “parede de espíritos” e, nesse mesmo momento me questionei mentalmente de maneira intensa e profunda – “se o que eu faço não é bom, me mostrem o que devo fazer, não tenho medo mais”. Me surpreendi com meu próprio pensamento, pois mesmo sendo um padrão pessoal o medo de mudanças, daquela vez não tinha sentido medo. Naquela época não percebia a incongruência do meu desejo de fazer esclarecimentos para quem queria consolo.

Waldo. Repassei o episódio do jardim algumas vezes, me senti confortável, energizada, segui minha rotina até me deitar no horário habitual. Acordei às 4h da manhã, sentindo uma mão tocar no ombro, chamando-me. Aquela mão focou na parede do quarto onde estava escrito que a religião não salva e que Jesus é uma falácia. Os escritos desapareciam para logo aparecer o rosto do Waldo sorrindo. Aconteceu em janeiro de 2010, por 3 manhãs seguidas. Interessante, eu pensei: “Sei que aquele homem grisalho e barbudo é o Prof. Waldo, porém eu me lembro dele de cabelos pretos. Como eu tenho tanta certeza que é ele”?

CEAEC. Minha ignorância e autocorrupção ficaram claras naquele momento. O que eu estava deixando de querer saber? Deu-me uma emergência e sabia que precisava encontrar o Waldo. Fiz uso da tecnologia do *Google*: coloquei Waldo Vieira e Jesus Cristo, e caiu no *Youtube* da Tertúlia Conscienciológica. Naquele momento me enchi de ânimo, conhecendo a existência da *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciológica* (CEAEC), localizado em Foz do Iguaçu, Paraná.

Tertúlia. Ao assistir as Tertúlias que são transmitidas ao vivo diariamente vi o anúncio do primeiro Curso 40 Manobras Energéticas. Naquele momento pensei: “Este é o curso de que preciso. Já que trabalho com energias, e o que eu faço não é bom. Quero ir lá aprender”.

Reiki. Senti-me confiante para abandonar o trabalho na área Reikiana, mesmo sendo na época meu sustento. Quando em conversa com o professor, constatei que além de estar em processo de iniciação, deixava as pessoas dependentes de minhas energias. Esse definitivamente não era meu desejo.

Compreensão. Compreendi que, por falta de discernimento, tinha trocado o lugar de passista no centro - que eu nunca quis assumir por não concordar com aquele movimento - para o lugar de Reikiana. Era instrumento de consolação, uma missionária, que me encaixava muito bem na proposta de Consolador prometido que o espiritismo prega. Firmei meu sustento na técnica da massoterapia.

Terceira Idade. Percebi-me na terceira idade. Realizei mudanças e atividades demais. Seria agora o momento de descansar, de dormir aliviada de estar estabilizada e, sem embargo, era exatamente agora que a vida me desafiava a fazer uma mudança de paradigma. Tal desafio me leva a encerrar conflitos do passado e ser o tipo de pessoa que em vez de pensar em ajudar os outros, ser uma conscin lúcida, ciente de seu papel na Reurbex, alguém que procure ser protagonista de sua existência. O sentimento de gratidão pelos amparadores que tanto aporte me proporcionaram é latente em mim, servindo de nova bússola.

Hipóteses. A partir desta narrativa autobiográfica, algumas hipóteses podem ser levantadas sobre algumas de minhas retrovidas. Dentro do meu processo seriexológico existiriam relações com o grupocarma do Chico Xavier. Eis a seguir 3 exemplos:

1. **Vínculos com os ciganos do Século XIX**, visto que o Waldo comentava que Chico em retrovida foi sua mãe em grupo cigano.

2. **Monarquia espanhola do Século XVI**, batizada de Monarquia Católica pela ligação íntima com a igreja sendo a Rainha Joana La Loca uma retrovida de Chico.

3. **Grupos místicos e parapsíquicos do passado**, exaltações emocionais, sofrimento e a tarefa da consolação, reflexo de automimeses dispensáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Exposição. Do ponto de vista da autoexposição, a consciência, quando desinibida e autêntica, a autocura se estabelece de maneira harmônica e gradual em sintonia com os processos da serialidade.

Exemplaridade. É pelo autoexemplo que fazemos assistência em silêncio sem necessidade de sermos reconhecidos.

Autodesassédio. Na rotina de escrita diária e reflexiva, percebi que recordar, reviver fatos, fazer evocações, resgatar momentos, me deixava emocionalmente desconfortável, mas, provocando uma necessidade de autoenfrentamento e aprofundamento.

Laços. A escrita gerou um inventário daquelas personagens que, por hipótese, interagiram comigo durante diferentes períodos das vidas sucessivas. Refletia sobre o modo como criamos compromissos benéficos ou patológicos, laços espontâneos ou forçados pelos débitos nas nossas relações grupocármicas.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

1. **Borges**, Dalva Rodrigues; *Como foi a Chegada de Chico em Uberaba?*; Vídeo; **Duração:** 6min16; **Ano:** 2008; **Depoimento:** D.^a Dalva Rodrigues Borges; **Produção:** Oceano Vieira de Melo; **Acervo:** Saulo Gomes; disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_jHXGx-mgkI>; acesso em: 31.05.2020; 14h05.

2. **Lopes**, Sonia Maria Gomes; & **Souza**, Sauloéber Tarsio de; *Atos Fundantes da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro: Entre o Ideal e o Concretizado (1953–1960)*; 2 E-mails; 1 foto; 2 microbiografias; 23 refs.; disponível em: *Cadernos de História da Educação*; V. 17, N.2, ISBN 19827806 (Online); p. 567 A 586, mai.-ago., 2018 acesso em: 28.08.2020.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

1. **Casa do Cinza**; *Casa do Cinza: Vinha de Amor e Luz*; 1 foto; disponível em: <<https://casadocinza.com/historia/>>; acesso em 31.05.2020; 14h30.

2. **Ferreira**, Antuza; *Mediunidade com Jesus*; Vídeo; **Duração:** 6min14; **Créditos:** Leonel Varanda; disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WPxeZpCGPko>>; acesso em: 31.05.2020; 15h38.

